

O ENSINO INCLUSIVO NA EJA PARA ALUNOS SURDOS: PONDERAÇÕES DOCENTES

Marilene Alves Ferreira de Oliveira¹
Jéssica Girlaine Guimarães Leal²

RESUMO

A educação brasileira passou por vários avanços, principalmente no que concerne a políticas públicas com vista à promoção da educação inclusiva de pessoas com deficiência, porém mesmo tantos avanços, ainda é perceptível que a educação de pessoas com surdez enfrenta vários desafios. Nessa direção, o trabalho busca entender as questões que atravessam o ensino para implementação de uma educação inclusiva para alunos com surdez na Educação de Jovens e Adultos (EJA), especificamente, ensino médio. Este desejo pela temática origina-se da experiência profissional da autora como Tradutora intérprete de LIBRAS na Escola Estadual Professor Lourenço Gurgel de Oliveira, situada na cidade de Caraúbas no interior potiguar, que vivencia as lutas e os gargalos enfrentados pelos alunos surdos. Nesse viés, nos move saber quais as dificuldades e desafios enfrentados pelos professores no ensino de alunos surdos e(ou) deficientes auditivos na EJA? Quais as metodologias utilizadas para promover aprendizagens dos surdos? Neste íterim, objetivamos investigar quais são os desafios no ensino inclusivo para alunos surdos inseridos no EJA da Escola Lourenço Gurgel. Para isso, realizamos uma pesquisa do tipo qualitativa, exploratória e campo conforme GIL (2002) ao qual utilizamos para coleta de dados a aplicação de um questionário composto por sete perguntas aplicado aos docentes que ensinam na EJA da escola Lourenço Gurgel. Tomamos como subsídio teórico autores como: Quadros (2006, 2008), Machado (2008) e Brasil (1996) que discutem sobre a educação voltada para surdos. Concluímos, com base nos dados obtidos e correlacionando as minhas experiências intérprete de Língua Portuguesa e LIBRAS na EJA, que são necessárias diversas melhorias, de ordem estrutural, curricular, e acima de tudo nos recursos e tecnologias educacionais, na promoção da acessibilidade e de qualificação profissional para que se possa ofertar um ensino de qualidade para as pessoas surdas.

Palavras-chave: EJA. Educação de surdo. Inclusão

Data de submissão 24.11.2024

Data de aprovação dia.mês.ano

Disponibilidade (endereço eletrônico do artigo, DOI ou outras informações relativas ao acesso do documento).

1 INTRODUÇÃO

A inserção de alunos surdos/deficientes auditivos no ambiente educacional é um tema muito importante no que se refere à inclusão. De acordo com o censo escolar de 2022, “dos 47,3 milhões de alunos da educação básica, 61.594 possuem alguma deficiência relacionada à surdez” (INEP, 2023). No entanto, a inclusão desses alunos vai além de matriculá-los e passa por um processo de reflexão sobre os diversos fatores que afetam o processo educacional, inclusive a atuação docente. É importante destacar que ao inserir

¹ Graduada em Letras Libras pela Universidade Federal Rural do Semi-Árido.

² Professora Magistério Superior da Universidade Federal Rural do Semi-Árido.

um aluno surdo na escola regular, além do professor regular na sala de aula, é primordial a presença do intérprete de libras e de um espaço adequado para o Atendimento Educacional Especializado (AEE) no contraturno desse aluno.

Ao encarar essa realidade como intérprete por dois anos na Escola Estadual Professor Lourenço Gurgel de Oliveira, me despertou o interesse em pesquisar sobre as dificuldades e desafios enfrentados pelos professores no ensino de alunos surdos e(ou) deficientes auditivos na EJA e sobre quais as estratégias metodológicas utilizadas para promover aprendizagens dos surdos. Instigado por essas questões, o objetivo deste trabalho é investigar quais são os desafios no ensino inclusivo para alunos surdos inseridos no EJA da Escola Lourenço Gurgel de Oliveira.

Para atender aos objetivos estabelecidos, esta pesquisa se caracteriza como qualitativa, do tipo exploratória e descritiva. O presente trabalho está estruturado em cinco seções, sendo essa a parte introdutória do texto. A seguir, na segunda seção, apresentaremos a fundamentação teórica que norteou este trabalho onde discutiremos a inclusão de alunos com surdez na escola regular marcos legais da inclusão dos surdos na educação básica, também discorreremos sobre a Eja e os caminhos de possibilidades para a educação de surdos. Na terceira seção, trataremos dos procedimentos metodológicos que balizaram a pesquisa. Na penúltima seção (quarta), apresentaremos os resultados e as discussões da pesquisa. Por fim, na última seção traremos as considerações finais.

2 INCLUSÃO DE ALUNOS COM SURDEZ NA ESCOLA REGULAR

Nesta seção iremos abordar os aspectos que influenciam na inclusão do aluno(a) surdo(a) e/ou deficiente auditivo na educação básica, sobretudo na Educação de Jovens e Adultos (EJA). O texto a seguir está dividido em três subseções que tratam, respectivamente, das legislações sobre o direito à educação da pessoa surda e/ou deficiente auditivo, educação bilíngue e o ensino de alunos surdos e/ou deficientes auditivos na EJA.

2.1 Marcos legais da inclusão dos surdos na educação básica

A inclusão de alunos surdos/deficientes auditivos no ensino básico é garantida pela Lei nº13.146 que institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência) “destinada a assegurar e a promover, em condições de igualdade, o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais por pessoa com deficiência, visando à sua inclusão social e cidadania” (BRASIL, 2015). Este marco legal é fundamental para a garantia da inclusão das pessoas com deficiência no âmbito social e educacional. O artigo 28, que trata das competências do poder público, no inciso IV, determina que é obrigação do estado garantir a “oferta de educação bilíngue, em Libras como primeira língua e na modalidade escrita da língua portuguesa como segunda língua, em escolas e classes bilíngues e em escolas inclusivas” (BRASIL, 2015). Este mesmo artigo, no inciso XI, atribui ao poder público “a formação e disponibilização de professores para o atendimento educacional especializado, de tradutores e intérpretes da Libras, de guias intérpretes e de profissionais de apoio” (BRASIL, 2015). Portanto, para estar alinhada com a legislação vigente, a escola deve garantir o equilíbrio entre a garantia dos direitos e a autonomia dos alunos surdos/deficientes auditivos de forma igualitária e equitativa.

2.2 Educação bilíngue: língua portuguesa e libras

A educação brasileira é regulamentada pela Lei de Diretrizes e Bases (LDB) de 1996. De acordo com a legislação, a educação básica se divide em três níveis, sendo eles, o ensino infantil, fundamental (anos iniciais e finais) e médio (Brasil, 1996). A educação básica é obrigatória para crianças e jovens de 4 a 17 anos. A LDB estabelece duas modalidades de ensino além do ensino regular, sendo o integrado, que abrange o ensino médio, e a Educação de Jovens e Adultos (EJA) que abrange o ensino fundamental e médio.

O dispositivo legal, no primeiro e segundo parágrafo do artigo 60, asseguram à pessoa surda o acesso à educação bilíngue. Estes dizem, respectivamente, que “Haverá, quando necessário, serviços de apoio educacional especializado, como o atendimento educacional especializado bilíngue, para atender às especificidades linguísticas dos estudantes surdos” (Brasil, 1996) e que “A oferta de educação bilíngue de surdos terá início ao zero ano, na educação infantil, e se estenderá ao longo da vida” (Brasil, 1996).

A educação bilíngue, que se ampara no uso de duas linguagens para o ensino e aprendizagem, “visa capacitar a pessoa com surdez para a utilização de duas línguas: A língua de sinais e a língua da comunidade ouvinte” (Kubaski; Moraes, 2009, p.3414). Compreende-se que o processo de alfabetização da pessoa surda deve ser amparado tanto pela língua de Sinais, no caso do Brasil a Libras, quanto pela língua nativa, no caso do Brasil o Português (Silva, 2022, p.4). Para Quadros, ao considerarmos “a educação de surdos no Brasil, a aquisição de L1 deveria ser da LIBRAS e de L2, da língua portuguesa” (Quadros, 2008, p.15)³. De acordo com a autora, deve-se atentar para a importância de “conhecer as duas línguas envolvidas no processo educacional e o lugar que cada uma delas ocupa, considerando fatores sociais, culturais e lingüísticos” (Quadros, 2008, p.15). Aprender o português decorrerá do significado que essa língua assume nas práticas (com destaques às escolares) para as crianças e jovens surdos. O letramento na língua portuguesa, portanto, é dependente da constituição de seu sentido na língua de sinais (Fernandes, 2006, p.122).

Ao tratar da educação bilíngue, Quadros afirma que:

Educação bilíngüe envolve, pelo menos, duas línguas no contexto educacional. As diferentes formas de proporcionar uma educação bilíngüe a uma criança em uma escola dependem de decisões político-pedagógicas. Ao optar-se em oferecer uma educação bilíngüe, a escola está assumindo uma política lingüística em que duas línguas passarão a co-existir no espaço escolar, além disso, também será definido qual será a primeira língua e qual será a segunda língua, bem como as funções que cada língua irá representar no ambiente escolar. Pedagogicamente, a escola vai pensar em como estas línguas estarão acessíveis às crianças, além de desenvolver as demais atividades escolares. (QUADROS, 2006, p.18).

A implementação de políticas pedagógicas que possibilitem a educação bilíngue, são fundamentais para a inclusão do aluno surdo/deficiente auditivo no contexto educacional. Esses princípios favorecem a participação ativa deste aluno e a comunicação com os demais estudantes. De acordo com a autora, a

³ Neste trabalho o termo L1 está relacionado à primeira língua, materna, de uma pessoa. Enquanto o termo L2 refere-se a segunda língua de uma pessoa.

língua de sinais desempenha uma função fundamental nos processos de ensino e aprendizagem da Língua Portuguesa. “A idéia não é simplesmente uma transferência de conhecimentos da primeira língua para a segunda língua, mas sim um processo paralelo de aquisição e aprendizagem em que cada língua apresenta seus papéis e valores sociais representados” (Quadros, 2006, p.24). É importante que, no processo de ensino-aprendizagem, a pessoa surda/deficiente auditivo se aproprie da língua de sinais para que ela desenvolva a capacidade crítica. Este é “um é um processo de reflexão sobre a própria a língua que sustenta a passagem do processo de leitura e escrita elementar para um processo mais consciente” (Quadros, 2006, p.32).

2.3 EJA: CAMINHOS DE POSSIBILIDADES PARA SURDOS

A educação de jovens e adultos (EJA) passou por diversas mudanças ao longo dos anos, nosso objetivo nesta seção não é se aprofundar historicamente nos caminhos percorridos pela EJA, mas entendemos que é importante contextualizar o leitor sobre a existência desse percurso. Inicialmente, a EJA, destina-se à alfabetização de pessoas maduras que não tiveram a oportunidade de estudar. Este modelo, conhecido como Mobral, foi criado pela Lei 5379, de 1967, mais tarde foi transformado em supletivo pela Lei 5692, de 1971 (Machado, 2008). Mais tarde, com a Constituição Federal de 1988, se estabelece como obrigatória a oferta gratuita do ensino fundamental para pessoas de todas idades. (Machado, 2008). Passados alguns anos, chegamos a Lei 9394/96 a lei de diretrizes e bases da educação brasileira.

Para Machado (2008) as mudanças na educação de jovens e adultos a partir da LDB “fazem parte de todo um contexto histórico de muita luta em defesa da educação como direito, que vai ser desencadeado no período da reabertura política, no final dos anos 1980” (Machado, 2008, p.162). O autor defende que essas as alterações advindas da LDB representam “uma mudança de paradigma: da nítida concepção compensatória de educação para a perspectiva de educação como direito e ao longo de toda a vida” (Machado, 2008, p.163). A partir disso, utilizaremos a LDB, e as suas atualizações ao longo do tempo, para entendermos o papel da EJA na educação do Brasil.

Como já mencionamos, a EJA compõe uma modalidade de ensino da educação básica. O artigo 37 da LDB diz que “A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos nos ensinos fundamental e médio na idade própria e constituirá instrumento para a educação e a aprendizagem ao longo da vida” (Brasil, 1996). O primeiro parágrafo deste artigo garante que os sistemas de ensino deverão ofertar gratuitamente aos “jovens e aos adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames” (Brasil, 1996).

Sendo uma modalidade da educação básica, a EJA está amparada por todas as diretrizes da educação básica. Isso quer dizer que todos os direitos garantidos aos alunos do ensino regular também são garantidos aos alunos surdos da EJA. A Eja tem sido uma oportunidade de acesso à educação para os surdos que não puderam estudar na idade regular. Esses alunos têm tido a oportunidade de ingressar no ambiente educacional e transformarem as suas realidades.

De acordo com Maurício (2020) a EJA desempenha três funções fundamentais para a sociedade. A primeira é a reparadora, pois, uma parcela

de surdos não tiveram oportunidade de estudar na sua idade regular (Maurício, 2020, p.49). A segunda função é a equalizadora, ou seja igualar, nivelar esses alunos em atrasos para uma possível reparação das perdas e danos (Maurício, 2020, p.49). A terceira função é qualificadora, em outras palavras, capacitar e qualificar o indivíduo permanentemente, sendo um caminho para a descoberta de vocações (Maurício, 2020, p.50). Nesse sentido, a EJA desempenha um papel fundamental no acesso à educação aos alunos surdos/deficiente auditivos, sobretudo aos que não tiveram esta oportunidade na idade regular. Sendo uma modalidade de ensino da educação básica a EJA hoje é a possibilidade para estes alunos se desenvolverem e se integrarem na sociedade.

3 METODOLOGIA

Esta pesquisa se caracteriza como qualitativa, uma vez que para atender os objetivos traçados este tipo de pesquisa é o mais recomendado. Embora os resultados também apontem dados quantitativos, o objetivo geral desta pesquisa está alinhado com uma análise qualitativa. Este trabalho assume características que o aproximam de uma pesquisa do tipo exploratória, que segundo Gil (2002, p.41) “têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses”, e descritivas, que de acordo com Gil (2002, p.42) “têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis”.

A pesquisa foi conduzida na **Escola Estadual Professor Lourenço Gurgel de Oliveira**, localizada na cidade de Caraúbas, Rio Grande do Norte. Escolhemos essa escola por estar situada na localidade domiciliada da autora deste trabalho e possuir poucos estudos na área investigada além disso, selecionamos os professores da respectiva escola, por serem profissionais que experienciam a realidade do ensino voltado para pessoas com surdez.. Cabe mencionar que a autora atua como Tradutora e intérprete de Língua portuguesa e LIBRAS na Lourenço, onde vivencia as lutas enfrentadas pelos alunos surdos. Os dados foram coletados por meio de um questionário distribuído a todos os professores da EJA, turno noturno, e submetidos a análise qualitativa com o objetivo de identificar respostas recorrentes e padrões de comportamento nas respostas dos participantes. A amostra foi composta por professores da rede estadual de ensino, todos efetivos ou seletivos. Todos os docentes convidados a participar atuam na EJA no primeiro semestre de 2024 na referida escola. Foi realizada uma visita prévia na escola onde os professores foram comunicados sobre a pesquisa e convidados a participar.

3.1 Coleta de dados

A coleta de dados foi realizada através de um questionário online elaborado no Google Formulários - disponível no link <https://forms.gle/rNW7oXjieJguocsc8> - composto por uma pergunta de identificação e sete perguntas descritivas. O questionário foi enviado, via WhatsApp, a doze professores da EJA, dos quais nove responderam. No quadro abaixo apresentamos o questionário aplicado aos professores:

Quadro 2 - Questionário utilizado em entrevista com os professores

Questionário

Identificação

- 1 - Nome completo:
- 2 - Quanto tempo de experiência docente você tem?
- 3 - Qual a sua formação?
- 4 - Você julga que a escola apresenta estrutura para receber os alunos com surdez ou deficientes auditivos?
- 5 - Quais os maiores desafios encontrados para trabalhar com alunos surdos /deficientes auditivos?
- 6 - Quais os recursos utilizados por você para o ensino de alunos com surdez/deficientes auditivos?
- 7 - Quais as metodologias utilizadas na escola no ensino e aprendizagens desses alunos?
- 8 - Quais são as necessidades para melhorar o ensino de pessoas surdas?

Fonte: Elaborado pelas autoras (2024).

As perguntas um e dois do formulário nos ajudam a entender a formação e experiência docente dos profissionais participantes. As perguntas 3 a 7 buscam entender quais as dificuldades e desafios enfrentados pelos docentes no ensino de alunos surdos e(ou) deficientes auditivos na EJA.

3.2 Perfil dos professores

Profissionais da rede estadual de ensino do rio grande do norte, efetivos e seletivos, com experiência em sala de aula entre três a vinte e três anos de sala de aula, todos lotados na Lourenço Gurgel na cidade de Caraúbas na EJA no primeiro semestre de 2024. A tabela 1 apresenta a distribuição dos docentes de acordo com a sua formação acadêmica:

Tabela 1 - Quantidade e formação acadêmica dos professores

Formação acadêmica	Número de professores
Licenciatura em Matemática	2
Licenciatura em Letras (Português e Inglês)	3
Licenciatura em Geografia e Educação Física	1
Licenciatura em Ciências Sociais e Mestrado em Educação	1
Licenciatura em Química	1
Mestrado em Ciências da Educação	1

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Como podemos verificar nove colaboradores possuem graduação e mestrado, dois professores são licenciados em matemática, três licenciados em letras; português e inglês, um professor com licenciatura plena em geografia e educação física, um com graduação em ciências sociais e mestrado em educação, uma professora com licenciatura em química, um professor mestre em ciências da educação.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Neste capítulo apresentaremos os resultados coletados pelo questionário aplicado aos professores do EJA da Escola Lourenço Gurgel. O texto a seguir está estruturado em cinco subseções.

4.1 Perfil dos docentes

Nesta seção abordaremos os dados relativos ao perfil profissional dos docentes entrevistados. Vejamos a tabela abaixo.

Tabela 2 - Perfil dos Docentes

Nome	Sexo	Formação	Tempo de Experiência
P1	Masculino	Mestre em Ciências da Educação.	23 Anos
P2	Masculino	Licenciatura Plena em Geografia e Educação Física.	22 anos
P3	Masculino	Mestre em Letras.	08 anos
P4	Masculino	Graduação em Ciências Sociais e Mestrado em Educação.	20 anos
P5	Masculino	Letras Língua Portuguesa.	12 anos
P6	Masculino	Matemática.	15 anos
P7	Feminino	Letras Inglês.	15 anos
P8	Feminino	Licenciatura em Matemática.	03 anos
P9	Feminino	Licenciatura em Química.	12 anos

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Podemos perceber na tabela acima que a maioria dos professores possui mais de 10 anos de experiência em sala de aula. Os dados mostram que um terço dos docentes possui pós graduação *stricto sensu*, concluída ou em andamento, no nível de mestrado. Estes dados nos ajudam a entender o quadro docente da escola pesquisada e nos ajudam a refletir sobre o ensino, sobretudo para as pessoas com surdez e/ou deficiência auditiva.

4.2 Estrutura da escola para alunos com surdez/deficiência auditiva

Ao serem perguntados sobre a estrutura da escola e se essa é adequada para receber os alunos com surdez/deficiência auditiva, os professores responderam o seguinte:

Tabela - Resposta dos colaboradores sobre a estrutura da Escola

Você julga que a escola apresenta estrutura para receber os alunos com surdez/deficientes auditivos?		
Agrupamento por similaridade	Colaboradores	Respostas dos colaboradores
Sim	P3, P4 e P9	Sim.
Sim, mas ainda são necessárias melhorias.	P1	Sim. Dentro das possibilidades e com algumas limitações, mas consegue atender sim.
	P6	Estrutura funcional, sim, uma vez que sempre recebemos bons profissionais. No entanto, ainda precisa melhorar a questão da estrutura física, recursos e etc.
	P7	Em partes sim.
Não ou insuficiente.	P2	Falta muita coisa para uma estrutura básica de acolhimento que favoreça boas condições de inclusão [...].
	P5	Ainda não o suficiente, mas melhorou bastante.
	P8	Não muita.

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Os dados apresentados na tabela acima estão organizados de acordo com a percepção dos docentes em relação à estrutura da escola. De acordo com a tabela acima, podemos dividir os docentes em em três grupos de opinião. O primeiro grupo acredita que a escola tem estrutura adequada para atender aos alunos surdos e/ou deficientes auditivos. O segundo também acredita que a escola possui estrutura adequada mas ainda são necessárias melhorias. O terceiro grupo é composto pelos professores que julgam que a estrutura da

escola não é adequada ao atendimento dos alunos surdos/deficientes auditivos. Os dados mostram que dois terços dos professores acreditam que a escola possui estrutura para atender os alunos surdos/deficientes auditivos enquanto um terço julgam que não. Dessa forma, podemos entender que a estrutura física da escola, atende os alunos surdos. No entanto, algumas melhorias ainda poderiam ser implementadas para melhorar a inclusão do aluno surdo/deficiente auditivo no ambiente educacional.

4.3 Desafios encontrados no ensino de alunos surdos/deficientes auditivos.

Ao serem questionados sobre os maiores desafios encontrados ao se trabalhar com alunos surdos e/ou deficientes auditivos, os professores apresentaram diversos fatores que dificultam a prática docente. Vejamos a tabela abaixo.

Tabela - Desafios no ensino de alunos surdos/deficientes auditivos.

Quais os maiores desafios encontrados para trabalhar com alunos surdos /deficientes auditivos?	
P1	Primeiramente uma convocação favorável de profissionais da área, para que possam atender as necessidades específicas, de modo mais eficiente. Em segundo, o Estado estruturar bem as escolas, para que os estudantes com essas necessidades consigam sentirem-se incluídos no processo.
P2	A ausência de profissionais efetivos que estejam permanentes na escola , exclusivos conosco, possibilitando um planejamento dinâmico e focado nas necessidades dos alunos
P3	A ausência de material didático
P4	A falta de capacitação entre professor em libras
P5	A falta de intérprete e a falta de formação para o professor trabalhar com esse público.
P6	Além da falta de estrutura física e recursos, sinto que há uma carência no que diz respeito às formações/capacitações para os profissionais. Oficinas, minicursos, formações continuadas e outras, certamente facilitariam o nosso trabalho, pois nem todos possuem habilidade para dialogar com os alunos surdos/deficientes auditivos.
P7	Falta de material didático e capacitação para professores em sala de aula.
P8	Formação
P9	A falta de preparo dos professores de sala de aula para lidar com eles, por sorte temos os professores acompanhantes que nos ajudam a entendê-los e a conversar com eles pela linguagem de sinais.

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

De acordo com as respostas dos professores, o maior desafio encontrado

é a falta de capacitação/formação desses docentes em relação a LIBRAS. Essa problemática aparece em seis⁴ das nove respostas dos docentes. Nas respostas eles indicam que sentem falta de uma formação continuada que os qualifique para se comunicar com os alunos surdos/deficientes auditivos. Este dado indica que a maioria dos docentes sente falta, na sua formação, de capacitações que os possibilitem se comunicar através da língua de sinais. Esse problema faz com que o professor não consiga se comunicar com o aluno surdo/deficiente auditivo sem a presença do intérprete de LIBRAS. Fato esse que pode comprometer a eficácia da educação bilíngue que necessita da interação das duas línguas no ensino e na aprendizagem (Kubaski; Moraes, 2009).

Em três⁵ das nove respostas, os professores relataram que a falta de intérpretes é um dos desafios encontrados ao se trabalhar com os alunos surdos/deficientes auditivos. A presença de profissionais intérpretes de LIBRAS está assegurada pelo artigo 60 da LDB (Brasil, 1996). No discurso dos professores percebe-se que além da importância do atendimento especializado se faz necessário garantir a permanência desses profissionais no quadro efetivo da escola. A falta de intérpretes, atrelado a falta de capacitação em LIBRAS na formação dos professores, pode ocasionar um sério problema no processo educacional do aluno surdo/deficiente auditivo. Nessa situação, a comunicação com este aluno estaria seriamente comprometida e conseqüentemente o processo de ensino-aprendizagem.

Foi possível encontrar em duas⁶ das respostas dos docentes que a ausência de materiais didáticos específicos para o ensino de surdos e deficientes auditivos é uma das dificuldades enfrentadas no trabalho dos docentes. A falta de materiais didáticos voltados para o público surdo, representa um empecilho no processo de ensino deste público. Em outras duas⁷ respostas foi possível identificar que a falta de estrutura física também compromete a atuação desses docentes

4.4 Recursos e Metodologias para o ensino de alunos surdos/deficientes auditivos.

Nessa seção apresentamos as respostas dos professores entrevistados em relação aos recursos e metodologias utilizados no ensino de alunos surdos e/ou deficientes auditivos. Quando perguntados sobre os recursos utilizados, os docentes responderam o seguinte:

Tabela - Recursos Utilizados no ensino de alunos surdos/deficiente auditivos.

Quais os recursos utilizados por você para o ensino de alunos com surdez/deficiência auditiva?	
P1	Os recursos que mais utilizo, são documentos com imagens, associando os elementos da imagem ao conteúdo ministrado.

⁴ P4, P5, P6, P7, P8 e P9.

⁵ P1, P2 e P5.

⁶ P3 e P7.

⁷ P1 e P6.

P2	No que temos (e do nosso próprio bolso muitas vezes) projetor, audiovisual, jogos ajudam na inclusão de pessoas com necessidades especiais.
P3	Atividades adaptadas.
P4	Não utilizei recursos.
P5	Sempre procuro falar pausadamente para que o mesmo quando possível possa fazendo a leitura labial. Sempre quando disponível uso o intérprete.
P6	Na grande maioria das vezes, utilizo textos e a própria lousa. Em outras ocasiões, utilizo imagens, slides e vídeos, sendo que nestes, há uma grande dificuldade em encontrá-los com legenda. Por essa razão, vejo a presença do Intérprete/Professor de Libras como essencial para o processo de ensino e aprendizagem.
P7	Busco sempre fazer atividades adaptadas para alunos com deficiência auditiva.
P8	Apoio humano, professor auxiliar.
P9	jogos e sala para alunos especiais.

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Ao analisarmos os dados apresentados na tabela acima, podemos ver uma variedade de recursos utilizados pelos professores. Um dos que mais apareceu nas respostas dos docentes foi a utilização de materiais visuais, como: imagens, slides e vídeos. Esses recursos aparecem nas respostas de três dos entrevistados, P1, P2 e P6. Outro recurso recorrente nas respostas é o apoio especializado, sobretudo dos intérpretes de LIBRAS, que apareceu nas respostas dos professores P5, P6 e P8. A utilização desses recursos, podem contribuir para o desenvolvimento simultâneo de aquisição e aprendizagem das duas línguas envolvidas no processo de educação bilíngue (Quadros, 2006).

Atividades adaptadas e jogos foram recursos citados pelos professores. Identificamos nas respostas P3 e P7 a indicação de atividades adaptadas e nas respostas P2 e P9 a utilização de jogos. Alguns outros recursos apareceram somente uma vez nas respostas dos professores, são esses: Sala para Atendimento Educacional Especializado (AEE) (presente na resposta P9) e falar pausadamente para possibilitar a leitura labial e utilização do intérprete de LIBRAS (presente na resposta P5). Outro professor, P4, relatou não utilizar recursos.

Quando questionados sobre as metodologias utilizadas no ensino dos alunos surdos e/ou deficientes auditivos, os professores responderam o seguinte.

Tabela - Metodologias para o ensino de alunos surdos/deficientes auditivos.

Quais as metodologias utilizadas na escola no ensino e aprendizagem desses alunos?	
P1	Na escola em que trabalho, o Estado dispõe de profissionais da área, para atender as especificidades. Mas já tiveram momentos, que trabalhamos sem esse profissional e demos conta como deu. Sendo que temos o profissional da área específica, conseguimos planejar materiais que possam atender a esses estudantes. Produzimos os materiais e o profissional adequa a realidade dos estudantes.
P2	Interação, seminários, apresentações e projetos são estratégias que tem se mostrado eficazes no aprendizado e inclusão
P3	Atividades adaptadas.
P4	Mais visual.
P5	Procuo usar a simplicidade nas explicações e conto com intérprete assim que possível.
P6	Além de procurar trabalhar com recursos visuais, se faz necessário (em algumas ocasiões) realizar adaptações nas atividades, testes e demais trabalhos. O uso de tecnologias como o celular e computadores, também ajudam muito no cotidiano escolar.
P7	Atividades adaptadas e auxílio do professor de educação especial intérprete de libras.
P8	Algumas formações na área.
P9	Temos professores preparados que nos ajudam e fazem o acompanhamento desses alunos, também temos uma sala especialmente preparada com recursos para ajudá-los

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Podemos perceber nas respostas acima que a maioria dos professores (P1, P5, P7 e P9) relataram que uma das metodologias utilizadas é o auxílio especializado do professor de educação especial ou do intérprete de LIBRAS. Três Professores (P4, P6 e P8) relataram que buscam adaptar as suas metodologias para que possam ter mais recursos visuais. Em outras três respostas (P3, P6 e P7) os professores relataram que utilizam atividades adaptadas. Na resposta do professor (P2) ele relata que busca incentivar a interação por meio de seminários, apresentações e projetos. O professor (P5) também diz que busca simplificar as explicações enquanto o professor (P6) chama a atenção para o uso de tecnologias digitais para o ensino.

Ao analisarmos as respostas dos docentes em relação às metodologias utilizadas no ensino de alunos surdos/deficientes auditivos, percebemos que em grande parte das respostas os professores acabavam se confundindo e respondendo sobre recursos pedagógicos utilizados em sala de aula.

4.5 Estratégias para melhorar o ensino de pessoas surdas e/ou deficientes auditivos.

Nesta seção apresentaremos a percepção dos professores entrevistados sobre quais são as ações necessárias para melhorar o ensino das pessoas surdas/deficientes auditivos na EJA. Vejamos a tabela abaixo.

Tabela - Necessidades para melhorar o ensino de pessoas surdas/deficientes auditivos.

Quais são as necessidades para melhorar o ensino de pessoas surdas?	
P1	Acredito que já viemos dias piores. Atualmente percebo um avanço nesse sentido e os estudantes com essa necessidade, conseguem sentirem-se incluídos no processo.
P2	Investimento sério em contratação permanente de profissionais habilitados, laboratórios equipados , bibliotecas equipadas e adaptadas, aquisição de materiais interativos
P3	Mais recursos visuais e materiais didáticos.
P4	Capacitar todos os professores.
P5	Formação continuada para professores, aulas de libras para professores e alunos que não tenham essa particularidade.
P6	A primeira e mais importante delas é a compreensão de que esse aluno, apesar de suas necessidades educacionais especiais, também é igual aos demais e que deve ser inserido no âmbito do processo de ensino e aprendizagem. Para isso, é importante garantir os recursos necessários para essa inserção, como estrutura física adequada, um profissional para acompanhá-lo, além de material didático que o auxilie no dia a dia. Incluir significa inserir o aluno em todas as etapas do processo e não apenas recebê-lo só pelo fato de ter se matriculado.
P7	Matérias didáticos adaptados e recursos diversos, bem como profissionais capacitados para atuar junto aos alunos com deficiência auditiva.
P8	Estruturação humana e o uso de tecnologia educacionais relacionados a área.
P9	É necessário treinar os professores para aprender a linguagem dos sinais, novos jogos e novas ferramentas também se fazem necessário.

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Em quatro das nove respostas (P2, P3, P6 e P7) os professores indicam que são necessários materiais didáticos adaptados. Este dado, atrelado a falta da capacitação em LIBRAS, indica que os professores sentem dificuldade em desenvolver as atividades com alunos surdos/deficientes auditivos por não

disponham de materiais específicos nem de formação para o ensino de pessoas surdas. Em outras quatro respostas (P2, P6, P7 e P8) é possível identificar que a melhoria do ensino para pessoas surdas e/ou deficientes auditivos passa pela inserção de profissionais especializados no quadro docente da escola, nessas respostas também identificamos a preocupação de que esses profissionais façam parte do quadro efetivo da escola. Foi possível identificar em três respostas (P4, P5 e P9) que o treinamento dos professores para que possam aprender a língua de sinais é uma das estratégias para melhorar o ensino de alunos surdos/deficientes auditivos. Essa questão é uma das que mais aparece na fala dos professores e evidencia a necessidade de se promover capacitações para estes profissionais.

Em outras duas respostas (P8 e P9), os docentes apontaram que novos jogos e ferramentas digitais poderiam auxiliar no ensino. Nas respostas dos professores P2 e P6 eles enfatizaram a melhoria da estrutura física da escola. Outro professor (P3) relatou que a utilização de mais recursos visuais pode ser uma saída para o melhoramento do ensino, enquanto o professor (P1) relatou que já houve uma evolução e que hoje os alunos conseguem se sentir incluídos no processo de ensino, sendo perceptível um avanço no ensino de pessoas surdas/deficientes auditivos nos últimos anos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo investigar as principais dificuldades enfrentadas pelos docentes no processo de ensino de alunos surdos e(ou) deficientes auditivos na educação de jovens e adultos (EJA) da Escola Lourenço Gurgel de Oliveira. De acordo com os resultados obtidos podemos perceber que a falta de capacitação e formação continuada, a falta de intérpretes e ausência de materiais didáticos adaptados são os principais desafios encontrados pelos professores. Buscando driblar esses desafios os professores, em sua maioria, optam por adaptarem seus materiais didáticos de forma mais visual e contam com o apoio especializado dos intérpretes disponíveis.

Acredito que pesquisas como essa possam contribuir para as discussões sobre a inclusão dos alunos surdos e(ou) deficientes auditivos na educação básica, sobretudo na modalidade da EJA. Esta pesquisa representa um recorte específico de uma escola da rede pública, que atrelada a outras pesquisas como essa podem, em outras escolas, contribuir para um panorama regional das dificuldades enfrentadas pelos docentes no ensino de pessoas surdas. De modo que recomendo a reaplicação desta pesquisa em outras escolas e em outros contextos de ensino.

Concluimos a partir dos dados obtidos e correlacionando com minhas experiências como Tradutora e intérprete de Língua Portuguesa e LIBRAS na EJA na referida escola, que é necessárias diversas melhorias para que se possa ofertar um ensino de qualidade para as pessoas surdas, bem como é preciso mudanças de ordem estrutural, curricular, e acima de tudo nos recursos e tecnologias educacionais, na promoção da acessibilidade e de qualificação profissional. Além disso, acreditamos que a principal estratégia para um ensino inclusivo para as pessoas surdas seja a obrigatoriedade da LIBRAS como componente curricular da educação básica ao qual entendemos ser basilar para difusão de um ambiente genuinamente comunicativo, inclusivo e efetivamente educativo.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasil, 20 dez. 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/19394.htm. Acesso em: 28 out. 2024.

BRASIL. **Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa Com Deficiência (Estatuto da Pessoa Com Deficiência)**. Brasil, Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113146.htm. Acesso em: 23 nov. 2024.

FERNANDES, Sueli. Letramentos na educação bilíngue para surdos. **Letramento: referências em saúde e educação**. São Paulo: Plexos, 2006.

GIL, Antônio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. Editora Atlas SA, 2002.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA | INEP. **Confira o panorama dos surdos na educação brasileira**. 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/assuntos/noticias/censo-escolar/confira-o-panorama-dos-surdos-na-educacao-brasileira>. Acesso em: 09 out. 2024

KUBASKI, Cristiane; MORAES, Violeta Porto. O bilinguismo como proposta educacional para crianças surdas. In: **IX Congresso Nacional de Educação–EDUCERE. III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia**. 2009. p. 3413-3419.

MACHADO, M. M. Formação de professores para EJA: uma perspectiva de mudança. *Retratos da Escola*, [S. l.], v. 2, n. 2/3, 2008. DOI: 10.22420/rde.v2i2/3.133. Disponível em: <https://retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde/article/view/133>. Acesso em: 9 out. 2024

MAURÍCIO, Suelen Santos. Reflexões sobre as Diretrizes Curriculares Nacionais para a educação de jovens e adultos. **Revista de Educação Popular**, v. 19, n. 2, 2020.

QUADROS, Ronice Müller de. **Educação de surdos: a aquisição da linguagem**. Artmed Editora, 2008.

QUADROS, Ronice Müller de; SCHMIEDT, Magali LP. Ideias para ensinar português para alunos surdos. **Brasília: Mec, SEESP**, 2006.

SILVA, Erliandro Félix et al. Educação bilíngue para surdos no Brasil no contexto da educação básica: estudo bibliométrico baseado nas pesquisas stricto sensu (2017–2021). **Research, Society and Development**, v. 11, n. 3, p. e30111326720-e30111326720, 2022.